

Babel revisitada: reler e re-traduzir “A tarefa do tradutor”

Profa. Dra. Susana Kampff Lages¹(UFF)

Resumo:

Texto breve, enigmático e de impressionante influência sobre vários campos do pensamento nas ciências humanas, o ensaio “A tarefa do tradutor”, de Walter Benjamin, coloca-nos diretamente em contato com a dimensão aporética, não só da tradução, mas também da própria escrita, sempre incapaz de recobrir integralmente seu universo de referências. Pretendo realizar uma releitura de minhas próprias traduções desse texto, contrapondo-as a outras traduções realizadas para a língua portuguesa, bem como a traduções realizadas para outras línguas, com o intuito de refletir sobre os limites e possibilidades da linguagem enquanto meio de representação de idéias e relações, destacando no processo o papel fundamental do leitor-tradutor como intérprete privilegiado do texto. Para essa reflexão, pretendo visitar algumas interpretações fundamentais do texto benjaminiano (Derrida, De Man, Haroldo de Campos), bem como estudos mais recentes sobre esse texto.

Palavras-chave: Enigma, tarefa do tradutor, Walter Benjamin

Num bonito artigo para o suplemento Prosa & Verso do jornal carioca *O Globo*, publicado em junho último, José Castello (2008, p.4) foi enfático ao identificar no enigma o ponto central de nossa experiência com a literatura. A aventura literária só se deixa apreender plenamente enquanto enigma a ser decifrado pelo leitor, em especial pelo leitor crítico. Segundo Castello (*idem*): “Se a crítica é alguma coisa, ela é a contemplação do enigma. O crítico deve se expor ao grande clarão da leitura.(...) Mas em literatura não existe paz, nem existem respostas. A literatura é o mundo das perguntas.”

É o enigma também o foco de interesse do grande questionador Jorge Luis Borges (1985, p.71) quando diz que: “Nenhum problema é tão consubstancial com as letras e com o seu modesto mistério com o que propões uma tradução”, num conhecido ensaio em que comenta diferentes versões do texto homérico, sem eleger uma versão privilegiada como a “melhor”. Por mais que a finalidade prática de toda tradução, na verdade, seja a dissolução do enigma que cada língua estrangeira encerra para aqueles que não a conhecem, a tarefa do tradutor é tradicionalmente ligada a uma impossibilidade de realizar a transposição de um texto de uma língua para uma outra, de uma forma absolutamente desprovida de obscuridades, de momentos em que a intenção comunicativa fracassa. O ensaio “A tarefa do tradutor”, um texto que Walter Benjamin escreveu para figurar como prefácio de um conjunto de traduções de poemas de Charles Baudelaire, em 1921, é irritantemente enigmático para o leitor que pretenda saber algo sobre os procedimentos utilizados pelo tradutor para superar as dificuldades que teve para transpor para a língua alemã a poesia de Baudelaire. Nem um verso do autor traduzido é comentado; pelo contrário, o tradutor cita ainda outros poetas - um francês, estrangeiro, Mallarmé, e o outro, alemão, familiar, Hölderlin - para sustentar sua paradoxal concepção de tradução, em que o enigma e a obscuridade têm um papel central. Mas mesmo as referências aos dois poetas não oferece qualquer esclarecimento sobre as traduções prefaciadas. Pelo contrário, a citação de Mallarmé, não traduzida por Benjamin (segundo Derrida (2002: 30), “ele a deixa brilhar como uma medalha de um nome próprio no seu texto”), sublinha o enigma proposto por meio da estranheza causada pela presença de um texto em língua estrangeira, não traduzido.

Causa semelhante estranhamento, sobretudo para o leitor alemão, a segunda citação textual trazida por Benjamin, aquela de Rudolf Panwitz, filólogo que fazia parte do círculo dos poetas decadentistas alemães, agregados em torno da figura carismática de Stefan George, na virada do século XIX para o século XX. O estranhamento contido no texto de Panwitz é duplo: por um lado, Panwitz toma partido de um modo de traduzir literalizante, que possa transformar a própria língua

do tradutor, ou seja, ele advoga uma tradução estranhante ou estrangeirizante em oposição à tendência mais corriqueira, adequada a exigências do leitor médio, que em geral privilegia a tradução “fluente”, que não causa problemas à leitura; por outro lado, seu próprio texto sobre a tradução não-germanizante contém um elemento por assim dizer “estranho” (ou estrangeiro...) à língua alemã: ao contrário do que até hoje rezam as convenções da língua escrita alemã, Panwitz, seguindo Stefan George, escreve todos os substantivos em letra minúscula, como o fazem, entre outras, as línguas latinas e, entre elas, em especial, também o francês, língua de Baudelaire, Mallarmé e Proust, autores de eleição de Benjamin, afinal, um especialista na literatura francesa. Relembremos aqui a passagem em questão:

nossas traduções (mesmo as melhores) partem de um falso princípio querem germanizar o sânscrito, o grego, o inglês, ao invés de sanscritizar, grecizar, anglicizar o alemão. elas possuem um respeito muito maior diante dos próprios usos lingüísticos do que diante do espírito da obra estrangeira [...] o erro fundamental de quem traduz é conservar o estado fortuito da sua própria língua, ao invés de deixar-se abalar violentamente pela língua estrangeira. sobretudo quando traduz de uma língua muito distante ele deve remontar aos elementos últimos da língua mesma onde palavra imagem e som se tornam um só ele tem de ampliar e aprofundar sua língua por meio da língua estrangeira não se tem noção de em que medida isso é possível até que ponto cada língua pode se transformar e uma língua se diferencia de outra língua quase que só como um dialeto de outro dialeto e não se tomando de modo demasiado leviano mas precisamente quando são tomadas em todo o seu peso. (nossa tradução, no prelo)

Do início ao fim do breve ensaio, Benjamin bate-se contra toda e qualquer finalidade comunicativa da tradução do texto literário, pois identifica o elemento propriamente literário, poético com aquilo que vai além do plano da comunicação empírica e que se liga a algo **misterioso**:

O que “diz” uma obra poética? O que comunica? Muito pouco para quem a compreende. O que lhe é essencial não é comunicação, não é enunciado. E, no entanto, a tradução que pretendesse comunicar algo não poderia comunicar nada que não fosse comunicação, portanto, algo de **não essencial**. Pois essa é mesmo uma característica distintiva das más traduções. Mas aquilo que está numa obra literária, para além do que é comunicado - e mesmo o mau tradutor admite que isso é o essencial -, não será isto aquilo que se reconhece em geral como o misterioso, o inapreensível, o “poético”? (nossa tradução, no prelo)

Benjamin vê no mistério da literatura também o mistério da tradução, como algo que ultrapassa a linguagem em seu plano meramente instrumental, comunicativo. Entre nós, esse aspecto foi destacado em mais de uma ocasião pelo poeta Haroldo de Campos (1992, 77-84). Criador do neologismo **transcriação** para designar suas próprias obras de tradução, buscou ao mesmo tempo praticar e teorizar um modo de traduzir que ultrapassasse as tradicionais aporias da teoria da tradução, plasmadas na oposição “tradução literalizante, estrangeirizante” e “tradução do sentido ou domesticadora”. Tendo sido atento leitor da obra de Benjamin, em sua totalidade e, em especial, de “A tarefa do tradutor”, Haroldo de Campos vê a solução do enigma literário na atenta observação da forma de uma obra, o que o situa na melhor tradição (pós-)estruturalista. Mesmo as referências benjaminianas à tradição da mística judaica presentes no ensaio sobre o tradutor podem ser reconduzidas à questão da centralidade da linguagem na tradição cabalística, já destacada por Gershom Scholem, contemporâneo e amigo pessoal de Walter Benjamin. Nesse sentido, a idéia de uma *reine Sprache* seria melhor traduzida em língua portuguesa por **pura linguagem**, ao invés de **língua pura**. Por isso, para Benjamin – e para Haroldo de Campos, leitor de Benjamin – desde logo, a resposta à questão de se tradução é comunicação, obtemos a resposta segundo a qual: “A tradução é uma forma.”. O elemento enigmático da literatura está ligado à particular forma como os textos estão cons-

truídos, estão plasmados na língua em que foram escritos e à forma específica com que se relacionam à essa mesma língua, e à linguagem em geral. A dificuldade de transpor um texto para outra língua está no problema central, que o lingüista romeno Eugenio Coseriu (1987, 157) sintetizou como a “diversidade na estruturação dos significados” nas diferentes línguas históricas. Mas é, como reconhece Coseriu, a partir dessa diferença substancial na estruturação das línguas, que o tradutor tem de operar e identificar **entre elas** a pura linguagem que as conecta. Essa diferença entre as línguas é o elemento que faz com que um texto traduzido jamais seja idêntico ao texto original, fazendo com que toda tradução por definição, como aponta Paul de Man (1989, 101-35) em seu comentário ao ensaio benjaminiano, falhe, seja um fracasso, e, portanto, uma impossibilidade. Em seu comentário, de Man imita o efeito irritante de Benjamin, fazendo algo que Benjamin não faz: comentar traduções. De Man traz para sua argumentação em favor da qualidade disruptiva de toda tradução uma série de comentários sobre as traduções feitas por Harry Zohn (para o inglês) e por Maurice Gandillac (para o francês), centrados em correções, re-traduições do texto benjaminiano. De Man demonstra com seus irritantes comentários que toda crítica de tradução se configura necessariamente como uma nova tradução, que necessária e narcisisticamente deve destruir um texto anterior para poder construir um novo e que essa nova tradução se institui num determinado momento historicamente posterior ao original. Essa analogia da tradução com a tarefa crítica, como tarefa em que a história se inscreve de maneira mais insidiosa, é também sublinhada por Antoine Berman (2002) em seu livro sobre a tradução no contexto do romantismo alemão, **A prova do estrangeiro**. Como o texto crítico, o texto da tradução é um desdobramento de um texto anterior – daí o caráter depreciativo com que muitas vezes é visto tanto o trabalho do tradutor quanto aquele do crítico, como operação meramente derivada, segunda. Vale lembrar aqui que, do ponto de vista de sua datação, o ensaio sobre a tradução foi redigido em 1921, publicado em 1923, situando-se exatamente **entre** a redação de dois textos fundamentais para sua reflexão sobre a linguagem: (1) o assim-chamado “artigo sobre a linguagem” [*Sprachaufsatz*], isto é, “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem”, de 1916, (2) a tese “O conceito de crítica de arte no romantismo alemão”, escrita em 1919, e o texto sobre “A origem do drama barroco alemão” (segundo a tradução brasileira, de Sergio Paulo Rouanet) ou “A origem do drama trágico alemão” (segundo a tradução portuguesa, de João Barrento), redigido entre 1923 e 1925. Como sublinha Alfred Hirsch (2006, 609), essas três obras constituem o campo de forças no centro do qual se encontra o ensaio sobre o tradutor.

De modo condensado, indico aqui alguns elementos fundamentais dessas três obras e que tiveram alguma importância para a reflexão benjaminiana sobre a tradução e que irão determinar a visão que Benjamin tem da literatura e da crítica literária. No caso do *Sprachaufsatz*, a meu ver, o aspecto de maior importância é a diferenciação que faz o autor berlinense entre a linguagem enquanto *Medium* (meio “contextual” e não instrumental), potência autônoma de significação, mágica, e linguagem enquanto meio instrumentalizado pela comunicação quotidiana e a serviço de uma visão, considerada por Benjamin, “burguesa”, imediatista da linguagem. A tese sobre a crítica romântica, por sua vez, traz uma contribuição à reflexão sobre o traduzir, sobretudo, por tratar, na esteira das reflexões dos românticos - explicitamente citados no ensaio benjaminiano sobre a tarefa do tradutor - crítica e tradução como operações estrutural e categorialmente semelhantes e, sobretudo, como de categoria equivalente à da criação literária (*Dichtung*) propriamente dita. Outra reflexão central apresentada por Benjamin (1993: 92) na tese sobre a crítica romântica, é a que vê na tradução “a tentativa paradoxal de construir as conformações através da demolição: na obra mesma demonstrar sua ligação com a Idéia” [*den paradoxen Versuch dar, am Gebilde noch durch Abbruch zu bauen: im Werke selbst seine Beziehung auf die Idee zu demonstrieren*]. Construir demolindo, esta é também a tarefa do tradutor.

* * *

E que espécie de texto será aquele em que o tradutor apresenta diferentes traduções de sua autoria e traduções feitas por outros tradutores: crítica da crítica da tradução ou tradução da crítica da

tradução ou crítica da tradução da crítica? Vertiginosa, a reflexão sobre o traduzir volta-se muitas vezes sobre si mesma, buscando acompanhar seu próprio movimento, que nunca cumpre um desígnio totalizante, mas mantém-se, como na bela imagem da quebra dos vasos, extraída da tradição cabalística, como totalidade desde sempre fragmentada, uma configuração em que todo e parte se confundem, sem, no entanto, deixar de trair sua natureza incompleta, partida, rompida. Ensaaiemos (e usei aqui o plural, pensando na colaboração de cada um dos leitores e participantes de nosso simpósio) fazer uma reflexão que busque precisamente perceber, na leitura, como Benjamin constrói a obra por meio de rupturas, pequenos gestos destrutivos, no intuito de evidenciar sua relação com algo que a ultrapassa. Procuro utilizar aqui um método tipicamente benjaminiano, enunciado na sua obra tardia, o *Passagen-Werk*: aquele de mostrar algo que possa inquietar o leitor: “Não tenho nada a dizer. Só a mostrar. [*Ich habe nichts zu sagen. Nur zu zeigen*]” (BENJAMIN, 1998, p. 574)

* * *

Nos início dos anos sessenta, o diplomata Fernando Camanho, colega de Guimarães Rosa (que também o entrevistou e publicou a entrevista, em que Rosa cita o nome de Benjamin...), aventurou-se a traduzir o ensaio benjaminiano para o **Primeiro Colóquio de Escritores Latino-Americanos e Alemães**, que aconteceu em Berlim, sob os auspícios da *Revista Humboldt*, onde depois foi publicada, acompanhada de longos comentários aduzidos em notas pelo tradutor. Nesses comentários pioneiros, Camacho (1979) pleiteava uma análise do ensaio benjaminiano em relação a alguns textos posteriores, como o ensaio sobre “A obra de arte na época da sua reprodutibilidade técnica” e “A origem do drama barroco alemão”, que ele cita ainda em alemão, pois àquela altura não havia traduções para a língua portuguesa – uma tarefa que veio a ser realizada, no Brasil, nos anos 80 e 90 do século passado por José Lino Grünewald, Sergio Paulo Rouanet e Rubens Rodrigues Torres Filho, além de Haroldo de Campos, que traduziu excertos da obra benjaminiana, em diferentes comentários sobre a obra do autor berlinense. Digna de nota é também a tradução pioneira do ensaio benjaminiano, feita na Argentina pelo crítico e contemporâneo de Jorge Luis Borges, Hector Murena. Mais recentemente, no Brasil, foram feitas outras tentativas de traduzir o compacto ensaio benjaminiano, uma delas por Karlheinz Barck, com uma equipe de alunos e com revisão de Johannes Kretschmer, outra por mim mesma para uma antologia bilíngüe, publicada pelo Núcleo de Estudos de Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, e para uma versão revista, a sair pela Editora 34, sob a coordenação de Jeanne Marie Gagnebin.

* * *

“(.): do mesmo modo que, se quisermos juntar de novo os cacos de um vaso, estes têm de corresponder uns aos outros, sem serem todavia necessariamente iguais quanto às suas ínfimas particularidades, também a tradução, em vez de imitar o original para se aparentar a ele, deve insinuar-se com amor nas mais ínfimas particularidades tanto dos modos do ‘querer dizer’ original como na sua própria língua, isto de maneira a juntá-las como se fôssem cacos de um vaso, para que depois de as juntar elas nos deixem reconhecer uma Língua mais ampla que as abranja a ambas.”

Fernando Camacho in *Humboldt*, v. 40, p. 38-45, 1979.

“Como sucede cuando se pretende volver a juntar los fragmentos de una vasija rota que deben adaptarse em los menores detalles, aunque no sea obligada su exactitud, así también es preferible que la traducción, em vez de identificarse com el sentido del original, reconstituya hasta em los menores detalles el pensamiento de aqueél em su propio idioma, para que ambos, del mismo modo que los trozos de la vasija, puedan reconocerse como fragmentos de um lenguaje superior.”

H. A. Murena, in *Angelus novus*, Barcelona, Edhasa, 1971, p.127-43.

“Como os cacos de um vaso, para que, nos mínimos detalhes, se possam recompor, mas nem por isso se assemelhar, logo, também a tradução, ao invés de se fazer semelhante ao sentido do original, deve, muito mais e cuidadosamente, chegar até o detalhe, trazendo para a forma de sua própria língua o modo-de-significar do original. Do mesmo modo que os cacos tornam-se reconhecíveis como fragmentos de um mesmo vaso, assim também original e tradução como fragmentos de uma língua maior.”

Karheinz Barck e equipe, in *Cadernos do Mestrado*, 2ª. Ed., com revisão de Johannes Kretschmer, Rio de Janeiro, Instituto de Letras/UERJ, 1994.

“Assim como os fragmentos de um vaso, se quisermos articulá-los de novo, devem seguir uns aos outros no menor detalhe, também a tradução, ao invés de se assemelhar ao significado do original, deve pelo contrário moldar-se em sua própria língua, com toda a minúcia e amorosamente, de acordo com a forma de significar do original, tornando um e outro reconhecíveis como fragmentos quebrados de uma linguagem maior, como os fragmentos são cacos quebrados de um vaso.”

Arthur Nestrovski, in “Tradutor une cacos da língua”, *Folha de São Paulo*, “Mais!”, 12.07.92.

“Da mesma forma com que os cacos de um vaso devem acompanhar-se uns aos outros nos menores detalhes para poderem ser recompostos, sem serem iguais, a tradução deve, ao invés de procurar assemelhar-se ao sentido do original, formar amorosamente, e nos mínimos detalhes, em sua própria língua, o modo de visar do original, para com isso fazer com que ambos sejam reconhecidos como fragmentos de uma língua maior, da mesma forma com que cacos são fragmentos de um vaso.”

Susana Kampff Lages, in Heidermann, W. (org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Florianópolis, NUT, 2001, vol. 1.

“Da mesma forma como os cacos de um vaso, para serem recompostos, devem seguir-se uns aos outros nos mínimos detalhes, mas sem serem iguais, a tradução deve, ao invés de procurar assemelhar-se ao sentido do original, conformar-se amorosamente, e nos mínimos detalhes, em sua própria língua, ao modo de visar do original, fazendo com que ambos sejam reconhecidos como fragmentos de uma língua maior, como cacos são fragmentos de um vaso.”

Susana Kampff Lages, 2008 (no prelo, Editora 34, com revisão da tradutora, de Jeanne Marie Gagnebin e Alberto Martins)

“Wie nämlich Scherben eines Gefässes, um sich zusammenfügen zu lassen, in den kleinsten Einzelheiten einander zu folgen, doch nicht so zu gleichen haben, so muss, anstatt dem Sinn des Originals sich ähnlich zu machen, die Übersetzung liebend vielmehr und bis ins Einzelne hinein dessen Art des Meinens in der eigenen Sprache sich aneignen, um so beide wie Scherben als Bruchstück eines Gefässes, als Bruchstück einer grösseren Sprache erkennbar zu machen.”

Walter Benjamin, in *Gesammelte Schriften*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1972, vol 4, t.1, p. 9-21. [ed. Tillman Rexroth]

Referências Bibliográficas

- BARCK, Karl-Heinz et alii. A tarefa do tradutor In *Cadernos do mestrado*. 2.ed. rev.e ampl. Rio de Janeiro: Instituto de Letras/UERJ, 1994. P. 8-32 [Trad. Karl-Heinz Barck e equipe; rev. Johannes Kretschmer]
- BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor In *Humboldt*, vol. 40, 1979, p. 38-45. [Trad. Fernando Camacho]
- BENJAMIN, Walter. A tarefa-renúncia do tradutor. In HEIDERMAN, Werner (org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Antologia Bilingüe. Florianópolis, NUT, 2001.Vol. 1., p. 188-215. [Trad. Susana Kampf Lages]
- BENJAMIN, Walter. La tarea del traductor. In _____. *Angelus Novus*. Barcelona: Editorial Sur, 1971. P.127-43. [Trad. Hector A. Murena]
- BENJAMIN, Walter. *O Conceito de Crítico de Arte no Romantismo Alemão*. São Paulo: Iluminuras/EDUSP: 1993. [Trad., introd. e notas de Marcio Seligmann-Silva].
- BENJAMIN, Walter. N [Erkenntnistheoretisches, Theorie des Fortschritts]/Aufzeichnungen und Materialien. In: _____. *Das Passagen-Werk*. 2. ed. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1998. Vol. V-I, p. 570-611.
- BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro*. Cultura e tradução na Alemanha romântica. Bauru: EDUSC, 2002. [Trad. Maria Emília Pereira Chanut]
- BORGES, Jorge Luis. As versões homéricas. In _____. *Discussão*. São Paulo: Difel, 1985. p.71-8. [Trad. Claudio Fornari]
- CAMPOS, Haroldo. O que é mais importante: a escrita ou o escrito? Teoria da linguagem em Walter Benjamin. In *Revista USP*, vol. 15, 1992, p. 77-84.
- CASTELLO, José. A crítica como aventura. In *Prosa & Verso O Globo*, 7 de junho de 2008, p. 4.
- COSERIU, Eugenio. “O certo e o errado na teoria da tradução” In _____. *O homem e a sua linguagem. Estudos de teoria e metodologia lingüística*. 2.ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987. p. 155-71. [Trad. Carlos Alberto Fonseca e Mário Ferreira]
- DE MAN, Paul. Conclusões: “A tarefa do tradutor” de Walter Benjamin. In: _____. *A resistência à teoria*. Lisboa/Rio de Janeiro: Edições 70. 1989. P. 101-35. [Trad. Teresa Louro Pérez]
- DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. [Trad. Junia Barreto]
- HIRSCH, Alfred. Die Aufgabe des Übersetzers In LINDNER, Burckhardt. *Benjamin-Handbuch*. Leben. Werk. Wirkung. Stuttgart/Weimar: Metzler, 2006. P.609-25.
- NESTROVSKI, Arthur. Tradutor une cacos da língua. In *Mais! Folha de São Paulo*, 12.07.92.

¹**Autora**

Susana KAMPFF LAGES, Profa. Pós-Dra.
Universidade Federal Fluminense (UFF)
E-mail: susanaklages@hotmail.com